

COREIA DO NORTE, CUBA E IRÃ NA COBERTURA MIDIÁTICA E NOS IMAGINÁRIOS GEOPOLÍTICOS DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

North Korea, Cuba, and Iran in media coverage and in the geopolitical imaginations
of high school students

Francisco Fernandes Ladeira

Doutor em Geografia pela Unicamp, Pesquisador de pós-doutorado do IFMG – *campus* Ouro Preto

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0004-8384>

ffernandesladeira@yahoo.com.br

Pedro Luiz Teixeira de Camargo

Doutor em Ciências Naturais pela UFOP, Professor do IFMG – *campus* Ouro Preto

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2652-4323>

pedro.camargo@ifmg.edu.br

Artigo recebido em fevereiro/2026 e aceito em julho/2026

RESUMO

O presente trabalho busca compreender em que medida os discursos midiáticos hegemônicos influenciam os imaginários geopolíticos de estudantes do ensino médio sobre três países sistematicamente estigmatizados na cobertura jornalística ocidental: Coreia do Norte, Cuba e Irã. A metodologia adotada, de caráter qualitativo e exploratório, utilizou como instrumento de coleta a aplicação de questionários presenciais com sete perguntas abertas para cinquenta alunos do ensino médio do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) – *campus* Ouro Preto. O imaginário geopolítico identificado foi marcado por uma forte assimetria: atributos negativos e eventos excepcionais (conflitos, autoritarismo, escassez) dos países em questão foram prontamente evocados pelos participantes da pesquisa. Em contrapartida, aspectos históricos, culturais, sociais e conquistas materiais dessas nações permaneceram praticamente desconhecidos. Dessa forma, a pesquisa pretende contribuir para reflexões mais amplas sobre o papel da educação midiática e do pensamento crítico na formação de cidadãos capazes de decodificar interesses e negociar significados em um mundo midiaticamente saturado e geopoliticamente assimétrico.

Palavras-chave: Imaginários geopolíticos; estudantes; análise do discurso; mídia hegemônica; educação midiática.

ABSTRACT

This study seeks to understand to what extent hegemonic media discourses influence the geopolitical imaginaries of high school students regarding three countries systematically stigmatized in Western journalistic coverage: North Korea, Cuba, and Iran. The methodology adopted, of a qualitative and exploratory nature, used as a data collection instrument the application of face-to-face questionnaires with seven open-ended questions to fifty high school students from the Federal Institute of Minas Gerais (IFMG) – *Ouro Preto campus*. The geopolitical imaginary identified was marked by a strong asymmetry: negative attributes and exceptional events (conflicts, authoritarianism, scarcity) of the countries in question were readily evoked by the research participants. In contrast, historical, cultural, social aspects and material achievements of these nations remained practically unknown. Thus, the

research aims to contribute to broader reflections on the role of media literacy and critical thinking in the formation of citizens capable of decoding interests and negotiating meanings in a media-saturated and geopolitically asymmetrical world.

Keywords: Geopolitical imaginaries; students; discourse analysis; mainstream media; media literacy.

1. INTRODUÇÃO

A produção e a circulação de informação constituem, na contemporaneidade, um campo fundamental de disputa simbólica e geopolítica. No entanto, em seus noticiários internacionais, a grande mídia brasileira, seguindo a mesma orientação editorial de seus congêneres localizados nos países ditos desenvolvidos, frequentemente opera a partir de enquadramentos hegemônicos que simplificam realidades complexas, construindo representações estereotipadas e polarizadas de nações que não se alinham aos interesses das grandes potências globais, sobretudo dos Estados Unidos. Não obstante, esse processo comunicacional não se limita à esfera informativa; em muitas ocasiões, ele reforça imaginários geopolíticos que passam a ser naturalizados pelo público, como o “muçulmano terrorista”, o “ditador cubano” ou o “autocrata russo” (Ladeira, 2018).

No contexto educacional, esses imaginários tornam-se particularmente relevantes. A escola, espaço privilegiado de socialização e de construção de conhecimento sobre o mundo, não está imune à influência desses discursos midiáticos massivos. Estudantes do ensino médio, em fase de consolidar sua visão de mundo e seu entendimento sobre relações internacionais, são receptores ativos, mas não necessariamente críticos, desse fluxo contínuo de representações parciais.

Diante desse cenário, esta pesquisa se propõe a investigar em que medida os discursos midiáticos hegemônicos influenciam os imaginários geopolíticos de estudantes do ensino médio sobre três países sistematicamente estigmatizados na cobertura jornalística ocidental: Coreia do Norte, Cuba e Irã.

A problemática que orienta este trabalho pode ser formulada nos seguintes termos: que imaginários geopolíticos emergem das falas de estudantes do ensino médio a respeito de países estigmatizados pela mídia hegemônica, e em que medida esses imaginários reproduzem ou tensionam os enquadramentos discursivos predominantes nos noticiários ocidentais? O objetivo central não é mensurar simplesmente “o que” os estudantes pensam, mas mapear como os repertórios narrativos e visuais da grande mídia se manifestam em suas percepções, identificando lacunas, estereótipos e possíveis contranarrativas.

A metodologia adotada, de caráter qualitativo e exploratório, utilizou como instrumento de coleta a aplicação de questionários presenciais com sete perguntas abertas para cinquenta alunos do ensino médio do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) – campus Ouro Preto. O questionário foi

pensado para diagnosticar associações livres, rastrear fontes de informação e testar a profundidade do conhecimento dos estudantes.

Para melhor atender ao objetivo proposto, analisamos, em um primeiro momento, os discursos geopolíticos da mídia, com ênfase nos rótulos atribuídos à Coreia do Norte (“país mais fechado do mundo”), a Cuba (“ditadura socialista”) e ao Irã (“ditadura islâmica”). Posteriormente, são apresentados os resultados obtidos na pesquisa de campo.

A contribuição deste artigo para o Ensino de Geografia reside, fundamentalmente, na articulação entre a análise dos discursos midiáticos hegemônicos e a compreensão dos processos de formação de imaginários geopolíticos entre jovens, tema ainda pouco explorado na literatura da área. Ao evidenciar como as narrativas da grande mídia e das redes sociais incidem sobre as percepções dos estudantes a respeito de países estigmatizados, o trabalho oferece subsídios empíricos para repensar práticas pedagógicas em Geografia, especialmente em relação à educação midiática e à formação de um pensamento geográfico crítico. Trata-se, portanto, de uma contribuição que vai além do diagnóstico das distorções cognitivas, ao apontar caminhos para que o ensino de Geografia atue na desconstrução de estereótipos e na formação de cidadãos capazes de decodificar interesses e negociar significados em um mundo geopoliticamente assimétrico e midiaticamente saturado.

2. COREIA DO NORTE, “PAÍS MAIS FECHADO DO MUNDO”

A representação hegemônica da Coreia do Norte nos monopólios ocidentais de mídia (incluindo os grandes veículos de comunicação brasileiros) constitui um caso emblemático de construção discursiva de um “inimigo” geopolítico. Considerada nos discursos midiáticos como “país mais fechado do mundo” ou “ditadura comunista isolada”, a Coreia do Norte é geralmente noticiada por três motivos: as possíveis extravagâncias de seu presidente Kim Jong-un, a suposta fome generalizada e o programa nuclear (considerado “uma das maiores ameaças à humanidade”). Essa narrativa tem como objetivo validar um consenso hostil em torno de uma nação que não se alinha aos interesses das potências centrais.

Conforme Aguiar (2020), o exotismo ao qual a Coreia do Norte é submetida constantemente evidencia questões problemáticas que assolam a imprensa no que se refere ao mundo oriental ou às nações com experiências socialistas. A falta de conhecimento dos costumes e culturas milenares, o preconceito moralista, a xenofobia e, principalmente, a lógica do capitalismo central que rege a indústria midiática são alguns componentes dessa mistura. Seguindo essa linha analítica, Ladeira (2026, s.p.) aponta que “a grande mídia utiliza o isolamento norte-coreano para divulgar todo tipo de calúnia sobre o país. Afinal de contas, dificilmente haverá alguma outra fonte para contradizê-la. Um

contraponto. Mesmo nas redes sociais, ainda há pouco conteúdo a esse respeito”, em especial em português.

Volta e meia, aparece nos monopólios de mídia com amplo destaque alguma notícia fantástica sobre a Coreia Popular: o “ditador” Kim Jong-Un teria forçado todos os habitantes do país a usar o mesmo corte de cabelo; arqueólogos norte-coreanos descobriram a existência de unicórnios; os cidadãos acreditam que a Coreia ganhou a Copa de 2014; Kim Jong-Un mandou matar o tio com um lança-mísseis porque ele dormiu numa reunião; Kim mandou matar a namorada porque ela falava muito e assim segue. Poucos dias depois, é claro, os supostos mortos aparecem vivos e as notícias falsas, muitas vezes propagandeadas pelo Serviço Secreto da Coreia do Sul, não desmentidas, são 1% da publicidade da mentira original (Silva, 2019, s.p.).

No entanto, segundo o “Centro de Estudos da Política Songun” (2020) – organização dedicada aos estudos sobre aspectos políticos e militares da República Popular Democrática da Coreia –, a “realidade” mostrada na imprensa hegemônica não condiz com as condições reais da sociedade e da vida na Coreia do Norte. São discursos interessados em reproduzir uma imagem distorcida e falsa sobre o país. Aspectos importantes e caros para o povo norte-coreano, como sua história, suas organizações, conquistas e realizações ao longo do tempo, são completamente ignorados ou manipulados. Em muitas ocasiões, são usados relatos ou realidades de décadas atrás na tentativa muito problemática de ilustrar um cenário da atual situação alimentar norte-coreana.

De fato, o povo daquele país conviveu com a fome generalizada entre o final da década de 1990 até o início da década seguinte. No entanto, essa realidade está relacionada aos bloqueios econômicos aplicados pelos Estados Unidos, e o impedimento do acesso da Coreia do Norte à economia mundial constituiu armas sociais, econômicas e psicológicas usadas pelos estadunidenses para corroer e desintegrar a ordem e existência do país. Ainda de acordo com o Centro de Estudos da Política Songun (2020, s.p.), atualmente, apesar dos desafios ainda enfrentados no setor alimentício, a Coreia do Norte está distante da imagem irreal de um “país faminto e miserável governado por pessoas que abertamente usam a fome como política”.

A esse debate, Chossudovsky (2019, s.p.), citando como fontes a Unesco e a Divisão Federal de Pesquisa da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, acrescenta:

A Coreia do Norte tem um serviço médico nacional e um sistema de seguro de saúde. Em 2000, cerca de 99% da população tinha acesso a saneamento e 100% tinham acesso à água, mas a água nem sempre era potável. O tratamento médico é gratuito. No passado, havia um médico para cada 700 habitantes e uma cama de hospital para cada 350 habitantes. Em 2006, a expectativa de vida era estimada em 74,5 anos para mulheres e 68,9 para homens, ou quase 71,6 anos no total. [...] A educação pública é universal e totalmente financiada pelo Estado.

A despeito de seus aspectos controversos, conclui-se, portanto, que a representação midiática da Coreia do Norte é menos um reflexo de sua realidade e mais um artefato da política internacional. Romper com essa lógica requer buscar fontes diversas (se possível em variadas línguas), conhecer a história desse país asiático e questionar os interesses materiais por trás do discurso do “inimigo”. O

caso norte-coreano evidencia como a informação não é neutra; trata-se de um campo central de batalha na guerra simbólica pelas ideias e pela soberania informacional.

3. CUBA, “DITADURA SOCIALISTA”

Os noticiários da imprensa hegemônica brasileira sobre Cuba fornecem exemplos de coberturas jornalísticas que remetem ao período da Guerra Fria, época em que a mídia ocidental dividia o mundo em “bem” (bloco capitalista) e “mal” (bloco socialista). Ao longo dos anos, a representação midiática do presidente cubano Fidel Castro foi construída como a de um indivíduo déspota, corrupto, demagogo e sedento por poder.

No final de 2016, a cobertura da imprensa brasileira sobre a repercussão do falecimento de Castro privilegiou as comemorações de dissidentes cubanos residentes em Miami em detrimento das homenagens prestadas ao ex-presidente por milhares de pessoas nas ruas de Havana. Enquanto veículos da imprensa internacional, de diferentes tendências ideológicas – entre eles New York Times, Reuters, Le Figaro, The Guardian e Die Zeit – recorreram a adjetivos como “líder cubano”, “líder da revolução cubana”, “líder revolucionário” e “pai da Revolução Cubana” para noticiar o falecimento de Fidel Castro, a Folha de São Paulo utilizou a palavra “ditador” em manchete de sua edição virtual.

As imagens seletivas divulgadas sobre a ilha caribenha também seguem o mesmo viés, geralmente apresentando paisagens de bairros degradados com ruas sujas e habitações miseráveis, semelhantes às áreas mais pobres de grandes cidades brasileiras, o que pode gerar no público receptor a ideia de uma nação extremamente subdesenvolvida, desprovida de qualquer tipo de infraestrutura ou serviço básico urbano.

Além disso, questões como o embargo econômico imposto pelos Estados Unidos a Cuba durante décadas, as centenas de tentativas de assassinato de Fidel Castro arquitetadas pela CIA e os progressos mundialmente reconhecidos alcançados por este país – como a erradicação do analfabetismo, o acesso universal à saúde ou a ausência de subnutrição infantil – são raramente mencionados nos noticiários internacionais da grande mídia brasileira.

No contexto da escrita deste artigo, os Estados Unidos intensificaram a política de hostilidades contra o governo e a população de Cuba. No dia 29 de janeiro de 2026, o presidente estadunidense Donald Trump assinou um decreto que autorizava a imposição de tarifas sobre países que eventualmente fornecessem petróleo a Cuba, com o objetivo de aprofundar o estrangulamento energético enfrentado pela ilha caribenha.

O bloqueio econômico imposto pelos Estados Unidos a Cuba é, antes de tudo, um absurdo histórico. [...] Trata-se de um ataque direto ao funcionamento básico da sociedade cubana. Sem isso, colapsam o transporte público, a produção de alimentos, a geração de energia e os

serviços essenciais. Não é uma medida contra um governo; é uma punição coletiva contra um povo inteiro, com efeitos humanitários previsíveis e deliberadamente ignorados. É impossível não chamar isso pelo nome: trata-se de uma política de estrangulamento econômico. A intenção não é promover democracia, direitos humanos ou liberdade, como gosta de repetir hipocritamente o discurso oficial norte-americano. A intenção é provocar o caos, aprofundar dificuldades e usar a fome, a escassez e o desespero como ferramentas políticas (Camargo, 2026, s.p).

O argumento para o bloqueio econômico seria de que Cuba representaria uma suposta “ameaça incomum e extraordinária” à segurança dos Estados Unidos (Lopes, 2026). No entanto, a partir de pesquisas nos arquivos dos noticiários do Grupo Globo, SBT, Bandeirantes, Folha de São Paulo, Revista Veja e Estado de São Paulo, constatamos que essas medidas do governo estadunidense contra Cuba e seu povo não foram questionadas pelos articulistas dos principais veículos de comunicação do Brasil.

4. IRÃ, “DITADURA ISLÂMICA”

O Irã é um dos países mais estigmatizados pela mídia ocidental. Desde a Revolução Iraniana de 1979 – que depôs o Xá Reza Pahlavi e estabeleceu uma República Islâmica – o país é alvo de uma campanha sistemática de desinformação que ignora sua complexidade histórica e cultural. Nas coberturas geopolíticas, o Irã é frequentemente associado a termos pejorativos como “autoritarismo”, “misoginia”, “terrorismo” e “atraso”, reforçando estereótipos simplistas que obscurecem as análises acerca de sua política e sociedade. No imaginário construído pela mídia hegemônica, o termo “xiita” – que designa a corrente majoritária do Islã no Irã – é sistemática e capciosamente associado ao radicalismo.

Nas duas primeiras décadas do século XXI, os noticiários internacionais da grande mídia brasileira, reverberando conteúdos distribuídos pelas agências de notícias internacionais, veicularam supostas declarações polêmicas atribuídas ao ex-presidente iraniano Mahmoud Ahmadinejad, abrangendo desde a negação do Holocausto até alegações de incitação ao genocídio contra judeus e manifestações de megalomania religiosa. Dessa forma, consolidou-se a imagem de um “personagem” ao qual o público foi induzido a direcionar repulsa. Grandes veículos ocidentais frequentemente traduziram entrevistas e discursos de Ahmadinejad como se fossem pregações de ódio contra judeus ou ameaças à existência de Israel e seus habitantes. A citação mais emblemática – supostamente proferida em seu discurso na Assembleia Geral da ONU em outubro de 2005 – foi amplamente divulgada como a afirmação de que “Israel deve ser varrido do mapa”. Contudo, conforme demonstra Juan Cole (2007), Ahmadinejad jamais utilizou tais termos. A declaração original, em persa, era “esse regime sionista desaparecerá das páginas do tempo”, enquanto a imprensa ocidental optou por uma tradução literalmente distinta e semanticamente mais agressiva.

A versão fidedigna ao original apresenta um caráter poético e alegórico, coerente com as nuances da língua persa e com tradições retóricas iranianas. De fato, a frase assemelha-se a uma proclamação feita décadas antes pelo aiatolá Khomeini, que igualmente desejava o “desaparecimento do regime que ocupa Jerusalém das páginas do tempo” – uma crítica ao sionismo, não uma incitação ao extermínio físico. A tradução midiática, no entanto, transmite uma conotação belicista, sugerindo a obliteração violenta de Israel e de sua população.

Outro exemplo de distorção ocorreu durante a Conferência da Organização dos Países Islâmicos, em agosto de 2006, quando a Rádio Free Europe divulgou que Ahmadinejad defendera “a eliminação de Israel” como solução para a crise no Oriente Médio. Essa formulação implica, semanticamente, um chamado à destruição militar ou ao extermínio. Entretanto, conforme registrado pela Al Jazeera, sua afirmação real foi “a cura verdadeira para o conflito é a eliminação do regime sionista, mas primeiro deve haver um cessar-fogo imediato”. Uma crítica à estrutura política israelense, não uma ameaça genocida (Michael, 2007).

A acusação de “negação do Holocausto” também carece de precisão. A mídia ocidental atribuiu a Ahmadinejad a frase: “Eles [sionistas] inventaram o mito do massacre dos judeus e colocam-no acima de Deus, religiões e profetas”. Todavia, a tradução correta é: “Em nome do Holocausto, criaram um mito e consideram-no mais importante do que Deus, a religião e os profetas”. O termo “mito”, no caso, refere-se não à negação do evento histórico, mas à sacralização de sua narrativa como instrumento político – um mito fundador inquestionável, utilizado para justificar certas ações geopolíticas do Estado de Israel (Tilley, 2005; Moradi Joz, Joz; Ketabi; Vahid Dastjerdi, 2014; Arbaché, 2023).

Já no contexto de produção deste artigo, o Irã esteve presente nos noticiários internacionais da grande mídia devido à onda de manifestações iniciadas no final de 2025, motivadas, a princípio, pela forte desvalorização da moeda local (Rial) e pelo aumento do custo de vida. Posteriormente, as mobilizações passaram a pedir o fim do sistema político comandado pelo Aiatolá Khamenei, líder supremo do país (Setz, 2026). Contudo, Severini (2026) denuncia que se trata de um movimento instrumentalizado por interesses estrangeiros, sobretudo dos Estados Unidos e de Israel, países interessados na “mudança de regime” no Estado Iraniano, constituindo, assim, um exemplo daquilo que Korybko (2018) conceitua como “Revolução Colorida”. Conforme Severini (2026, s.p.), “historicamente, esse tipo de operação combina atuação de atores locais com financiamento, promoção discursiva e suporte logístico externo, tudo camuflado sob o manto da ‘libertação’ e do ‘interesse popular’”.

As chamadas “revoluções coloridas” não começam nas ruas, começam nas redes sociais, nas ONGs de fachada e think tanks, que fabricam narrativas para transformar terrorismo em “protesto” e repressão imperial em “defesa da democracia”. No final de dezembro de 2025 e

início de janeiro de 2026, o Irã enfrentou uma nova ofensiva híbrida. O que começou como uma manifestação legítima de comerciantes foi rapidamente convertido em terrorismo urbano, com ataques armados, incêndios a escolas e mesquitas, sabotagem de serviços públicos e assassinatos de civis e policiais. Figuras degeneradas ligadas ao antigo regime, como Reza Pahlavi, e figuras como Donald Trump e Benjamin Netanyahu atuaram como incitadores abertos, prometendo sanções e apoio externo (Tenório, 2026, s.p).

Rezaei (2026), ao analisar a cobertura da mídia ocidental sobre a onda de manifestações no Irã, aponta a existência de uma “Indústria de Lavagem de Notícias” contra o governo do país persa, enfatizando como uma mentira se converte em “fato global” por meio de quatro etapas interligadas. Primeiramente, na fase de “origem”, uma notícia falsa (fake news) é postada sem provas na rede social Telegram por um grupo não identificado. Em seguida, ocorre a “lavagem”: canais ditos “persas” – financiados por potências ocidentais – retransmitem a informação como “notícia urgente”, citando supostas “fontes locais” e “ativistas”. Posteriormente, na etapa de “legitimação”, agências de notícias globais reproduzem o conteúdo, apresentando esses canais “persas” como “mídia familiarizada” com a região. Finalmente, no “eco global”, grandes grupos de comunicação – como Globo e CNN – repercutem as informações das agências internacionais, transformando a mentira em manchete mundial.

Azenha (2026) adverte que diversos óbitos entre manifestantes no Irã, amplamente divulgados pela imprensa ocidental, não correspondiam à realidade. Um caso emblemático foi o suposto assassinato de Mobina Beheshti, de 21 anos, atribuído à repressão governamental, que gerou grande comoção internacional. Contudo, a jovem reapareceu em um vídeo para desmentir pessoalmente a informação falsa. Outra estratégia identificada foi o uso de imagens fraudulentas. Fotografias de supostas vítimas do governo iraniano circularam massivamente no X (antigo Twitter) e no Instagram. Por exemplo, foi amplamente compartilhada a imagem de uma jovem chamada Sanaz Javaherian, que simplesmente não existe: a foto utilizada era, na verdade, da israelense Noya Zion. No Telegram, uma conta publicou uma montagem com várias alegadas vítimas da repressão, listando Kourosh Shirini como morto. A imagem, no entanto, era de David Bennett, filho do então primeiro-ministro de Israel, Naftali Bennett.

Além disso, as narrativas falsas distorceram causas de morte reais. Circulou nas redes sociais que o ex-boxeador Ali Alipour, da cidade de Pol-e Dokhtar, teria sido preso e torturado até a morte por agentes do governo iraniano. Entretanto, de acordo com sua família, ele faleceu em 22 de janeiro de 2026 devido a um problema cardíaco. De modo similar, alegou-se que Diana Bahador, filha de uma *influencer* iraniana, teria sido “martirizada” pelo “regime dos Aiotolás”. A família, porém, esclareceu que sua morte resultou de um acidente automobilístico.

5. RESULTADOS APURADOS NA PESQUISA EM CAMPO

A pesquisa relatada no presente trabalho foi realizada em fevereiro de 2026, com aplicação presencial de questionários para cinquenta alunos do ensino médio do IFMG – *campus* Ouro Preto. Para determinar o tamanho da amostra, foi adotado o critério de saturação teórica. Este conceito se refere ao ponto em que novos dados coletados por meio de questionários deixam de acrescentar elementos relevantes, tornando desnecessária a inclusão de mais participantes, pois não alteram a compreensão do fenômeno em estudo. Portanto, trata-se de um parâmetro que confere validade ao conjunto de dados obtidos de uma determinada população (Fontanella; Magdaleno Júnior, 2012; Nascimento *et al.*, 2018).

Os participantes, estudantes regularmente matriculados no 1º e 2º anos, apresentavam idades entre 15 e 18 anos. A seleção do público foi realizada por conveniência e acessibilidade, mediante autorização prévia da direção da instituição e dos professores das salas onde os questionários foram aplicados. Garantimos a todos o anonimato, o sigilo das respostas e a possibilidade de desistência a qualquer momento. Os dados foram tratados de forma agregada e anônima, armazenados em arquivos protegidos por senha e utilizados exclusivamente para fins acadêmicos.

Feitas as devidas observações, as perguntas apresentadas no questionário foram:

- 1) O que você conhece sobre a Coreia do Norte?
- 2) De onde vêm as principais informações que você tem sobre a Coreia do Norte? (Por exemplo: telejornais, redes sociais, documentários, aulas, conversas com familiares)
- 3) O que você conhece sobre Cuba?
- 4) De onde vêm as principais informações que você tem sobre Cuba? (Por exemplo: telejornais, redes sociais, documentários, aulas, conversas com familiares)
- 5) O que você conhece sobre o Irã?
- 6) De onde vêm as principais informações que você tem sobre o Irã? (Por exemplo: telejornais, redes sociais, documentários, aulas, conversas com familiares)
- 7) Você acha que a grande mídia brasileira (Globo, SBT, Record, Folha de São Paulo, UOL, etc.) apresenta visões positivas ou negativas sobre os três países citados nesse questionário? Pode dar exemplos?

Considerando as limitações de extensão próprias de um artigo científico e visando à clareza da exposição, optamos por não reproduzir integralmente as respostas dos cinquenta participantes. Dessa forma, foram selecionadas para discussão as respostas consideradas mais relevantes e emblemáticas para os propósitos da pesquisa.

5.1. Conhecimentos dos estudantes sobre a Coreia do Norte

A motivação para a realização desta pesquisa surgiu após experiências com estudantes do 2º ano do ensino médio da mesma instituição. Estávamos abordando com eles as manipulações que a grande mídia utiliza para estigmatizar e ridicularizar países considerados hostis pelos Estados Unidos e seus aliados. Mencionamos Irã, Venezuela e Cuba. Surgiram olhares desconfiados sobre nossas colocações, porém sem manifestações.

Na sequência, o assunto levantado foi a Coreia do Norte. Então, um aluno se manifestou: “Aí não, Coreia do Norte? Cuba e Irã tudo bem, mas Coreia do Norte? Aquilo lá é uma ditadura. Os prédios grandes que existem lá são só fachada, não tem ninguém dentro”. Prontamente, uma estagiária do PIBID, também presente, perguntou: “Onde você viu isso?”. Ele disse: “No YouTube.” Em outra turma, também do 2º ano do ensino médio, um estudante mencionou que, na Coreia do Norte, “é proibido tirar fotos”. Nesse caso, ele foi questionado pelos próprios colegas, que alegaram se tratar de uma “fake news” divulgada sobre o país asiático.

Para uma interpretação mais sistemática dos dados, as respostas dos participantes foram organizadas nas seguintes categorias analíticas: (a) autoritarismo e ausência de liberdades; (b) isolamento e fechamento do país; (c) reprodução de fake news e boatos; (d) desconhecimento ou reconhecimento da própria falta de informação; (e) percepção crítica sobre as fontes; e (f) fontes de informação predominantes. Essa sistematização permitiu identificar padrões discursivos e lacunas nos imaginários geopolíticos dos estudantes.

Na categoria “autoritarismo e ausência de liberdades”, constatamos posicionamentos análogos ao analisarmos algumas respostas dos participantes da pesquisa à primeira pergunta do questionário:

Ditadura, idiotização das pessoas.

Uma grande potência, que não dá liberdade para as pessoas, com casa, número de filhos e empregos definidos pelo presidente, são comunistas.

Que eles falam coreano, já ouvi dizer que, se a casa deles pegarem fogo, eles precisam primeiro de tudo salvar a moldura da foto do presidente, antes de tudo.

Não pode ter internet, essas coisas, e só fazer o que presidente deixa.

Conheço como uma ditadura que censura a população do mundo exterior e os pune quando tentam se libertar.

Na categoria “isolamento e fechamento do país”, outros estudantes reproduziram o repertório discursivo predominante sobre a Coreia do Norte nos noticiários da grande mídia, conforme evidenciado nas seguintes respostas:

Um país fechado, que o presidente é um pouco violento.

A Coreia do Norte é um país com um sistema de governo rígido, fechado e autocrático.

É um país com governo autoritário, pouca liberdade e forte controle do Estado sobre a população.

A Coreia do Norte é um país situado na Ásia, que é conhecido por ter um regime de esquerda extremamente autoritário.

Segundo Ladeira (2018), nos noticiários internacionais da grande mídia, o termo “regime”, ao se referir a um governo ou sistema político, carrega uma carga semântica muito forte, que remete às ideias de autoritarismo, desrespeito aos direitos humanos ou ausência de liberdades individuais. Não por acaso, essa palavra é constantemente utilizada para rotular países considerados inimigos das grandes potências ocidentais, como é o caso da Coreia do Norte.

Na categoria “reprodução de fake news e boatos”, destacam-se as respostas que evidenciam a circulação de informações sem lastro na realidade:

Que eles falam coreano, já ouvi dizer que, se a casa deles pegarem fogo, eles precisam primeiro de tudo salvar a moldura da foto do presidente, antes de tudo.

Não pode ter internet, essas coisas, e só fazer o que presidente deixa.

Na categoria desconhecimento ou reconhecimento da própria falta de informação, um participante manifestou uma visão que poderia ser considerada crítica em relação à confiabilidade do que sabe:

Não conheço muita coisa verdadeira, pois é um país fechado. O que eu sei são boatos, que falam normalmente da crueldade que existe lá, mas não tenho dados reais do que acontece lá.

Entre os cinquenta participantes da pesquisa, apenas um manifestou uma visão que poderia ser considerada positiva sobre a Coreia do Norte: “Eu sei que é um país desenvolvido, que possui muitos armamentos e mantém um conflito com a Coreia do Sul.” Uma participante da pesquisa – demonstrando conhecimentos geográficos e históricos – mencionou as fronteiras terrestres da Coreia do Norte (China, Rússia e Coreia do Sul) e o fato de o país estar tecnicamente em guerra com a vizinha Coreia do Sul, uma vez que o conflito de três anos entre ambos (1950-1953) terminou com um armistício, e não um tratado de paz.

Na categoria “percepção crítica sobre as fontes”, o mesmo estudante que reconheceu a falta de informações verdadeiras, ao responder à segunda questão – relacionada às principais informações que possui sobre a Coreia do Norte –, advertiu que “os jornais que falam sobre [o país] são normalmente corrompidos por ideias políticas”. No entanto, ele reproduziu o jargão midiático ao descrevê-la como uma nação de “ordem totalitária”. Este posicionamento crítico não foi constatado nas respostas dos outros participantes da pesquisa.

Na categoria “fontes de informação predominantes”, os estudantes se limitaram a mencionar as principais fontes de informação sobre a Coreia do Norte, recorrendo principalmente à internet, com destaque para as redes sociais. Sobre tal questão, Nassar (2025) adverte que uma parcela considerável da comunicação que circula nos ecossistemas digitais carece frequentemente de curadoria, de critérios de precisão e de responsabilidade pública. São conteúdos que se apresentam sob a roupagem de informações supostamente neutras ou de opinião independente, mas que, na verdade, funcionam como dispositivos de manipulação emocional e cognitiva. São mensagens que não se declaram nem assumem sua finalidade, atuando por infiltração, não por transparência. Os grupos que disseminam desinformações transformam a esfera digital em um campo permanente de batalha simbólica. Sua operação se dá por meio da amplificação algorítmica, da fabricação de inimigos, de simplificações morais e da produção incessante de narrativas e suspeitas. Como sintetiza o autor, “o resultado é um ambiente em que a razão é substituída pela reação, o diálogo pela guerra interpretativa, a análise pela adesão emocional instantânea” (Nassar, 2025, p. 3).

Portanto, é fundamental que os professores abordem em sala de aula o caráter dialético da internet. O objetivo é contribuir para a formação de cidadãos críticos e questionadores, preparados para lidar com as demandas do ecossistema informacional do século XXI. Isso implica ensinar a reconhecer tanto o potencial democratizante e plural da rede – enquanto ferramenta de acesso a fontes diversas e de contraponto ao pensamento único – quanto sua dimensão manipulativa, palco da desinformação e da guerra cognitiva.

5.2. Conhecimentos dos estudantes sobre Cuba

Assim como observado em relação à Coreia do Norte, parte dos estudantes também reproduziu as tipificações discursivas predominantes sobre Cuba na mídia hegemônica:

Que tem muita pobreza, as coisas são muito caras, algo que para nós é comum no dia a dia, para eles é algo de alto nível.

Conheço a dificuldade do local, difícil alimentação, salário escasso, pouco, e limite de compra em supermercados. Em minha visão, é difícil manter uma vida boa lá.

Cuba é um país que vive um regime de ditadura, um lugar parado no tempo, que se maquia através de seu desenvolvimento educacional.

É um país comunista que tem uma enorme rivalidade contra os EUA. Discursos comunistas “totalitários”.

Um país que é socialista extremo (comunista), da América Latina, que teve seu pico de fome lá em 1900 e bolinha, com Che Guevara e a revolução cubana.

Frequentemente, os termos “socialismo” e “comunismo” são utilizados de forma equivocada como sinônimos – conforme ocorreu em algumas respostas dos alunos. Para uma compreensão

adequada dessa distinção, temos como base fundamental a obra de Marx (1977). Segundo o autor, a história se desenvolve de forma linear por etapas distintas, impulsionadas principalmente pelas contradições do sistema de produção (a luta de classes). “Em um caráter amplo, os modos de produção asiático, antigo, feudal e burguês moderno podem ser considerados como épocas progressivas da formação econômica da sociedade” (Marx, 1977, p. 23).

Nessa concepção, cada fase do desenvolvimento humano contém em si o germe de sua superação: no feudalismo, esse papel coube à burguesia; no capitalismo, cabe ao proletariado. A classe operária, explorada, deve se organizar para promover a revolução socialista, transformando os meios de produção em propriedade coletiva. Uma vez instaurado, o socialismo teria a tarefa de apoderar-se do Estado para eliminar as diferenças sociais herdadas do capitalismo. Somente após corrigidas tais distorções, instituições como o Estado, o mercado e a propriedade privada deixariam de existir. Surgiria, então, a etapa derradeira, ainda inédita na história: o comunismo.

Já as visões de Cuba como “um lugar parado no tempo”, “que tem muita pobreza”, onde “é difícil manter uma vida boa” e “as coisas são muito caras”, apresentadas por alguns alunos, revelam uma omissão significativa: a ausência de qualquer menção ao bloqueio econômico estadunidense vigente desde os anos 1960. Essa contextualização histórica fundamental, em contrapartida, foi fornecida por outros participantes do estudo:

Cuba é um país que sofre diversas sanções pelo fato de ser comunista. E essas sanções são causadas pelos Estados Unidos.

Cuba é um país socialista que sofre embargo dos EUA. Antigamente, Cuba era um país com condições melhores de se viver, mas atualmente o país enfrenta muitos desafios, principalmente pelos bloqueios sofridos.

Cuba é um país de terceiro mundo, que, por suas ideias políticas contrárias, sofre um bloqueio econômico.

Diferentemente da maioria dos participantes da pesquisa, o estudante da resposta acima baseou seu conhecimento sobre Cuba não na internet, mas em diálogos com o pai, professor de Sociologia – exemplo que ressalta a relevância de um ambiente familiar promotor do senso crítico.

Apenas três estudantes expressaram visões positivas sobre Cuba. Entre os aspectos destacados, figuraram: a “variedade cultural” e a “revolução muito importante”; a “alta taxa de escolaridade, o elevado desenvolvimento e o bom IDH”; e as “grandes oportunidades de estudo – principalmente em medicina – e a saúde pública gratuita”.

As respostas dos estudantes sobre Cuba revelam um duplo desafio para o Ensino de Geografia. Por um lado, evidenciam a força dos enquadramentos midiáticos hegemônicos, que associam o país caribenho a noções de pobreza, atraso e autoritarismo, silenciando sistematicamente conquistas sociais relevantes e o contexto geopolítico do bloqueio econômico imposto pelos Estados Unidos.

Por outro lado, apontam a existência de lacunas conceituais fundamentais – como a confusão entre socialismo e comunismo e a ausência de compreensão sobre as relações de poder que estruturam a geopolítica global – que demandam maior atenção nos currículos escolares.

Nesse sentido, cabe à Geografia escolar não apenas oferecer informações factuais sobre Cuba, mas promover uma abordagem crítica que articule dimensões históricas, econômicas e políticas, desnaturalizando estereótipos e evidenciando como a construção discursiva da mídia opera a serviço de interesses geopolíticos específicos. A formação de conceitos geopolíticos, portanto, não pode prescindir da análise das assimetrias de poder que atravessam a produção e a circulação de informações sobre o espaço mundial.

5.3. Conhecimentos dos estudantes sobre o Irã

Entre os cinquenta participantes da pesquisa, doze relataram desconhecimento sobre o Irã. Como registrado nos casos anteriores, clichês e desinformações sobre o país, divulgados tanto na grande mídia quanto na internet, também se fazem presentes nos imaginários geopolíticos dos estudantes:

Um país rico em petróleo, no Oriente, visto como violento e terrorista por muitos.

O Irã já foi dominado por grupos extremistas que atualmente possui armamentos e tecnologias nuclear e que sofreu ataques dos judeus/israelenses.

Armamento nuclear.

Uma potência petroleira envolvida em alguns escândalos políticos.

Só sei que está em guerra com o Iraque.

Um país do Oriente Médio rico em petróleo já esteve em guerra há um tempo atrás.

Irã é um país do Oriente Médio que sempre está envolvido em conflitos culturais e armados com os países à sua volta.

Que tem a guerra com a Palestina.

Que lá o serviço militar é obrigatório para as mulheres.

Sobre essas respostas dos estudantes, consideramos ser pertinente realizar algumas observações. A afirmação “um país [...] visto como violento e terrorista por muitos” aponta que, no caso, o termo “muitos” se refere, especificamente, às visões de Estados Unidos e aliados. Isso nos remete ao uso da expressão “comunidade internacional” nos noticiários da grande mídia, recurso metonímico que, ideologicamente, sugere os interesses das grandes potências como se fossem os interesses de todo o planeta – uma espécie de consenso global. Já os “escândalos políticos” não são de conhecimento desta pesquisa, relação que o aluno pode ter estabelecido devido ao grande número

de matérias negativas sobre o Irã nos diferentes tipos de veículos de comunicação. O país tampouco se encontra em guerra com a Palestina, nem mantém serviço militar obrigatório para mulheres – traços que, em realidade, caracterizam o Estado de Israel. Conforme o chefe da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), Rafael Mariano Grossi, “não há provas que confirmem que o Irã está construindo uma bomba atômica” (Passos, 2025, s.p).

Chama a atenção a associação entre Irã e a palavra “guerra”. De fato, meses antes da realização da pesquisa, o país persa esteve envolvido em um breve conflito com Israel, entre 13 e 24 de junho de 2025. A hostilidade teve início após as forças armadas israelenses lançarem múltiplos ataques contra dezenas de alvos no Irã, com o objetivo declarado de impedir a expansão do suposto programa nuclear iraniano. Contudo, o Irã não está “sempre envolvido em conflitos culturais e armados com os países à sua volta”, e a guerra com o Iraque, entre 1980 e 1988, não se refere ao período da pesquisa (fevereiro de 2026).

A associação entre Irã e guerras também já foi constatada em outros estudos. Marques (2017), por exemplo, relata uma prática de ensino na qual o filme iraniano “Filhos do Paraíso” foi exibido a alunos do Ensino Médio com o objetivo de aguçar seu interesse por produções cinematográficas que extrapolam os padrões hollywoodianos. Segundo a autora, a princípio, os estudantes demonstraram certa resistência à obra, revelando visões reducionistas, estereotipadas e preconceituosas sobre o Irã. Acreditavam que, em países muçulmanos, só haveria guerras e que nenhuma manifestação artística – como o cinema – seria possível.

Uma inexistente invasão do Irã, pelo menos no contexto de realização deste trabalho, ou uma possível confusão semântica com o Iraque, foi citada em duas respostas:

Lá tem petróleo e foi invadido.

Um país vítima de invasão estadunidense, mas não lembro o motivo.

A “Revolução Colorida” no Irã, analisada no quarto tópico, foi mencionada na resposta de um participante da pesquisa, que reproduziu os discursos geopolíticos da grande mídia:

Conheço bem pouco, mas sei que está tendo uma guerra bem catastrófica, pois está fazendo mal à população do Irã.

Um estudante lembrou que o Irã é “um país visado por ter grandes reservas de petróleo e que vivencia e é contestado por regimes terroristas”. No entanto, não é possível inferir se o aluno fez uma crítica aos países que se opõem ao Irã – como Israel e Estados Unidos – referindo-se a essas nações como “terroristas”, ou se, pela confusão na escrita, associou o país persa ao terrorismo. Outro participante destacou que o país é “difamado nas mídias”.

5.4. Concepções dos estudantes sobre as visões da grande mídia

Conforme dados apurados na segunda, quarta e sexta questões, a maioria das informações que os participantes desta pesquisa possuem sobre Coreia do Norte, Cuba e Irã não é originária da grande mídia. Consequentemente, já era esperado que um percentual considerável de estudantes não seria capaz de identificar se os principais veículos de comunicação brasileiros apresentam visões majoritariamente positivas ou negativas sobre os três países em questão. Essa constatação é exemplificada na seguinte colocação de um estudante: “não vejo reportagens falando sobre”.

Já em relação à sétima pergunta do questionário, que indagava se os estudantes consideravam que a grande mídia brasileira apresenta visões positivas ou negativas sobre os três países citados, os resultados foram os seguintes: 32 estudantes (64% da amostra) identificaram visões predominantemente negativas; 2 estudantes (4%) consideraram as visões positivas; 2 estudantes (4%) avaliaram as visões como neutras; e 14 estudantes (28%) não souberam responder ou não tinham opinião formada sobre a questão.

Entre os alunos que construíram posicionamentos mais elaborados sobre a sétima pergunta do questionário proposto, destacamos as respostas abaixo:

Eu acredito que as grandes fontes selecionam as informações.

Não acompanho esse tipo de mídia, mas normalmente a mídia oculta ou exagera nas notícias.

A maioria sim, onde eles mentem os dados para vitimizar um lado ou contam a história pela metade.

Acredito que negativas, porque sempre é falado sobre guerras e destruição e nunca coisas positivas.

Depende bastante, mas a maioria que eu lembro é ruim. Sobre o Irã, por exemplo, só fala que lá tem muita guerra.

Visões negativas, o Irã muitas vezes é visto como terrorista, a Coreia do Norte também é vista como violenta e Cuba é um país muito pobre, que todos tem que sair de lá, e só coisas ruins.

Acho que apresenta visões negativas, pois só vejo falando sobre guerras ou conflitos políticos relacionados a eles.

Negativas, pois acho que são lugares sujos e mal organizados.

Em relação a Cuba e à Coreia, vejo razão em não ter notícias positivas, pois a população está sofrendo, independente dos avanços. Agora o Irã sofre mais distorções por parte da mídia.

As associações entre Cuba e Coreia do Norte a termos como “sujeira”, “má organização”, “pobreza”, “sofrimento” e “todos querem sair de lá”, além de negligenciarem os boicotes internacionais sofridos por essas nações, vão ao encontro da falsa narrativa que equipara socialismo a subdesenvolvimento. Contudo, entre os vinte países considerados mais pobres do planeta na época

de realização desta pesquisa, apenas três – Afeganistão, Moçambique e Iêmen – tiveram, no passado, experiências que poderiam ser qualificadas como “socialistas” (que, diga-se de passagem, não são as causas das atuais condições adversas) (Casanovas, 2025). Já o Irã, sistematicamente rotulado como “terrorista” pela grande mídia, remete à campanha ocidental de estigmatização de países islâmicos no contexto geopolítico posterior aos atentados de 11 de setembro (Ladeira, 2018).

Os participantes que mencionam a “seleção de informações”, “a mídia oculta”, “conta a história pela metade” e “nunca coisas positivas”, explicitam o *double standard* (duplo padrão), um dos recursos mais característicos da manipulação midiática. De acordo com Abramo (2016), os veículos de comunicação, ao recortarem e selecionarem determinados aspectos da realidade para defini-los como “fato jornalístico”, decidem o que é digno de figurar na produção noticiosa. Todavia, o autor pontua:

Os critérios para essa seleção não residem necessariamente na natureza ou nas características do fato decomposto, mas sim nas decisões, na linha, no projeto do órgão de imprensa, e que são transmitidos, impostos ou adotados pelos jornalistas desse órgão (Abramo, 2016, p. 42).

Um participante da pesquisa destacou o tratamento dispensado a países de diferentes níveis econômicos nos noticiários da grande mídia:

A maioria das notícias sobre países desconhecidos/pobres/fechados são noticiados pela maioria das mídias de forma sensacionalista e exalta e promove países desenvolvidos/ricos muito conhecidos, como os EUA.

Um respondente apontou que na “maioria dos casos, [a mídia apresenta] coisas negativas sobre esses países, às vezes até sensacionalistas”. Para ilustrar seu argumento, ele citou uma mentira difundida pelos Estados Unidos: “[Na Coreia do Norte] as pessoas têm que chorar em certo horário do dia em homenagem ao ditador”. Seguindo essa linha analítica, outros respondentes escreveram:

Notícias negativas trazem mais audiência e atenção.

Apresentam na maioria coisas negativas sobre todos esses países, às vezes até sensacionalistas, como os números absurdos sobre fome e pobreza.

Visões negativas. Um exemplo são as matérias que mostram “fugitivos” desses países falando sobre como o lugar onde cresceram é ruim e como a vida dele se tornou maravilhosa quando saíram do país.

Dois estudantes consideraram que as visões da grande imprensa brasileira sobre Irã, Coreia do Norte e Cuba são positivas, apresentando, assim, uma conclusão divergente do procedimento de análise dos discursos midiáticos adotado neste trabalho. Um aluno acredita que as visões midiáticas são “neutras”, limitando a “só passar as informações às pessoas”.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O imaginário geopolítico identificado por esta pesquisa foi marcado por uma forte assimetria: atributos negativos e eventos excepcionais (conflitos, autoritarismo, escassez) de Cuba, Coreia do Norte e Irã foram prontamente evocados pelos participantes. Em contrapartida, aspectos históricos, culturais, sociais e conquistas materiais dessas nações praticamente não foram mencionados. Também foram registradas informações inverídicas nas respostas dos participantes ao questionário proposto. Entre elas, destacam-se: a suposta invasão do território iraniano pelos Estados Unidos, a caracterização de Cuba como um regime de “socialismo extremo” (comunismo) e a crença de que, na Coreia do Norte, seria necessário “salvar o quadro com a foto do presidente” em caso de incêndio nas residências e o Estado “define o número de filhos por mulher”.

Portanto, é plausível inferir que países considerados “fechados” pelas narrativas hegemônicas no Ocidente – seja por motivos religiosos ou ideológicos – são mais propensos a serem alvos de informações sem lastro na realidade presentes nas redes sociais e, ocasionalmente, também na mídia hegemônica. Na ausência da pluralidade de notícias ou no intuito de corroborar posicionamentos ideológicos (viés de confirmação), alguns estudantes acabam aderindo a discursos falaciosos sobre Coreia do Norte, Cuba e Irã. Como pontuou um aluno, daquilo que conhece da Coreia do Norte: “quase nada, só sei que é um país fechado e que é muito raro encontrar informações sobre o país.”

Ladeira (2018), em estudo similar ao aqui apresentado, já havia identificado que algumas concepções equivocadas de estudantes do ensino médio sobre geopolítica – como a associação entre nazismo e comunismo ou a ideia de que o islamismo seria um país – não estão explicitamente presentes na grande mídia, mas são disseminadas em larga escala nas principais redes sociais.

Evidentemente, os grandes grupos de comunicação também distorcem e manipulam a geopolítica global. No entanto, sob o verniz do “jornalismo profissional”, recorrem a mecanismos mais sofisticados de persuasão, transformando “opinião” em “notícia” e mantendo, ainda que de forma tênue, alguma conexão com os fatos. Como bem observou Adorno (1972), todo discurso ideológico teve seu momento de verdade. Por outro lado, nas redes sociais, essa preocupação está ausente: ali, não há limites para toda sorte de devaneios.

Poucos estudantes percebem que Coreia do Norte, Cuba e Irã – a despeito de suas contradições e controvérsias – são representados negativamente nos noticiários da grande mídia por um motivo fundamental: não se alinham aos interesses geopolíticos dos Estados Unidos e demais potências globais. No entanto, se formos adaptar o princípio legal da República Romana, “*exceptio probat regulam in casibus non exceptis*”, aos resultados apurados na pesquisa, podemos afirmar que esses casos constituem “exceções” e não a “regra”. Nesse sentido, em sua resposta à sétima pergunta do questionário proposto – sobre as visões da grande mídia em relação aos três países abordados neste

trabalho – um aluno escreveu: “Acho que negativas, já que eles contrariam a visão do país ideal capitalista e possuem uma história conflituosa ao serem comparados com os demais países”.

Diante dessa realidade, o presente estudo, ao descrever como os imaginários geopolíticos de alunos do ensino médio são influenciados por discursos da imprensa hegemônica e por conteúdos postados nas redes sociais, pretende contribuir para reflexões mais amplas sobre o papel da educação midiática na formação de cidadãos capazes de decodificar interesses e negociar significados em um mundo midiaticamente saturado e geopoliticamente assimétrico. A compreensão do espaço mundial exige muito mais do que localizar países em um mapa; exige a análise crítica das narrativas que constroem nossa percepção sobre esses lugares. Assim, o pensamento geográfico crítico é um instrumento essencial para decifrar a complexidade dos fenômenos e resistir às simplificações que servem a interesses geopolíticos específicos.

Em suma, uma consistente alfabetização geopolítica no século XXI começa, inexoravelmente, pela desconstrução das narrativas midiáticas hegemônicas. Isso significa, enquanto professores de Geografia, incentivar os alunos a: 1) questionar as fontes dos conteúdos aos quais têm contato (quem produz a informação e qual seu interesse); 2) buscar o contexto histórico, pois nenhum foco de tensão geopolítica começa “do nada”; 3) identificar omissões, já que o que não está sendo dito é tão importante quanto o que está; 4) analisar quem tem a capacidade de impor sua narrativa globalmente; e 5) diversificar as fontes de informação, buscando mídias e perspectivas alternativas ao pensamento hegemônico.

Essas diretrizes, respaldadas pelos resultados da pesquisa, evidenciam que o Ensino de Geografia não pode negligenciar o desafio de decodificar os discursos midiáticos que atravessam a formação dos imaginários geopolíticos juvenis, oferecendo ferramentas conceituais que permitam aos estudantes compreender o espaço mundial para além das simplificações e dos interesses geopolíticos que orientam a produção hegemônica de informações.

AGRADECIMENTOS

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão (SECADI) do Ministério da Educação.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, P. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2016. 91p.
- ADORNO, T. W. **Gesammelte Schriften Band 8: Soziologische Schriften I**. Suhrkamp Verlag GmbH & Company KG, 1972. 587p.

AGUIAR, B. Ocultar mostrando: como a televisão desinforma sobre a Coreia do Norte, **Observatório da Imprensa**. ed. 1086, Espaço do estudante, São Paulo, 5 de maio de 2020. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/espaco-do-estudante/ocultar-mostrando-como-a-televisao-desinforma-sobre-a-coreia-do-norte>. Acesso em: 6 jan. 2026.

ARBACHE, M. Israel e a poderosa máquina de fabricar antissemitismo, **GGN: O jornal de todos os brasis**, Redação, São Paulo, 7 de novembro de 2024. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/opiniaio/michel-arbache-israel-e-a-maquina-de-fabricar-antisemitismo>. Acesso em 2 fev. 2026.

AZENHA, L. C. Mortos ‘ressuscitam’ no Irã depois da onda de protestos, **Revista Fórum**. Guerra 4.0, São Paulo, 8 de fevereiro de 2026. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/global/mortos-ressuscitam-no-ira-depois-da-onda-de-protestos>. Acesso em: 9 fev. 2026.

CAMARGO, P. L. T. Cuba sob cerco: bloqueio insiste em punir um povo por traçar seu próprio caminho, **Portal Vermelho**: a esquerda bem informada, 2 de fevereiro de 2026. Disponível em: <https://vermelho.org.br/coluna/cuba-sob-cerco-bloqueio-insiste-em-punir-um-povo-por-tracar-seu-proprio-caminho/>. Acesso em: 7 fev. 2026.

CASANOVAS, M. Os 20 países mais pobres do mundo em 2026, **Focus Economics**, 16 de dezembro de 2025. Disponível em: <https://www.focus-economics.com/blog/the-poorest-countries-in-the-world/>. Acesso em: 11 fev. 2026.

CENTRO DE ESTUDOS DA POLÍTICA SONGUN – CEPS. **Os norte-coreanos passam fome?**, 21 de outubro de 2020. Disponível em: <https://cepsongunbr.com/2020/10/21/os-norte-coreanos-passam-fome/>. Acesso em: 6 fev. 2026.

CHOSSUDOVSKY, M. Coreia do Norte: conquistas em saúde e educação, **Opera**, Internacional, abril 2019. Disponível em: <https://revistaopera.com.br/2019/04/11/coreia-do-norte-conquistas-em-saude-e-educacao/>. Acesso em: 6 fev. 2026.

COLE, J. Ahmadinejad: I Am Not Anti Semitic, **History News Network**, June 27, 2007. Disponível em: <https://www.historynewsnetwork.org/article/juan-cole-ahmadinejad-i-am-not-anti-semitic>. Acesso em: 2 fev. 2026.

KORYBKO, A. **Guerras híbridas**. São Paulo: Expressão Popular, 2018. 176p.

LADEIRA, F. F. **A geopolítica mundial na mídia**: conceitos, valores e discursos presentes no ensino de Geografia na educação básica. 2018. 287 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2018.

_____. Coreia do Norte: a última fronteira das manipulações midiáticas. **Revista Fórum**, Opinião, São Paulo, 6 de fevereiro de 2026. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/opiniaio/coreia-do-norte-a-ultima-fronteira-das-manipulacoes-midiaticas-por-francisco-fernandes-ladeira/>. Acesso em: 6 fev. 2026.

LOPES, G. V. Trump declara ‘emergência nacional’ e ameaça aplicar tarifas a países que forneçam petróleo a Cuba. **Brasil de Fato**, Imperialismo, Havana, 30 de janeiro de 2026. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2026/01/30/trump-declara-emergencia-nacional-e-ameaca-aplicar-tarifas-a-paises-que-fornecam-petroleo-a-cuba/>. Acesso em: 7 fev. 2026.

MARQUES, D. L. Importância do cinema como ferramenta de ensino. In: ENCONTRO DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA. 3., 2017, São João del-Rei. **Anais...** São João del-Rei: UFSJ, 2017.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Martins Fontes, 1977. 142p.

MICHAEL, G. Deciphering Ahmadinejad's Holocaust Revisionism. **Middle East Quarterly**, 2007. Disponível em: <https://www.meforum.org/middle-east-quarterly/deciphering-ahmadinejads-holocaust-revisionism>. Acesso em: 5 fev. 2026.

MORADI JOZ, R.; KETABI, S.; VAHID DASTJERDI, H. Ideological manipulation in subtitling: A case study of a speech fragment by Mahmoud Ahmadinejad (President of the Islamic Republic of Iran). **Perspectives**, v. 22, n. 3, p. 404-418, 2014.

NASSAR, P. Como secar o dinheiro das máfias da desinformação. **O Globo**, Rio de Janeiro, ano CI, n. 33.742, Opinião, p. 8, 24 dez. 2025.

PASSSOS, G. Chefe da AIEA diz não ter provas de que Irã fabrica bomba atômica. **EBC Internacional**, Brasília, 19 de junho de 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/internacional/audio/2025-06/chefe-da-aiea-diz-nao-ter-provas-de-que-ira-fabrica-bomba-atmica>. Acesso em: 11 fev. 2026.

REZAEI, M. R. O mapa-múndi da mentira contra o Irã [Foto]. **Instagram**. 27 de janeiro de 2026. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DUBh4wykZZp/>. Acesso em: 9 fev. 2026.

SETZ, R. 'Revolução colorida é ápice da guerra ideológica', afirma cientista político. **Brasil de Fato**, 22 de janeiro de 2026. Disponível em: < <https://www.brasildefato.com.br/podcast/brasil-de-fato-entrevista/2026/01/22/revolucao-colorida-e-apice-da-guerra-ideologica-afirma-cientista-politico/>. Acesso em: 9 fev. 2026.

SEVERINI, M. Irã: emergência de uma possível revolução colorida e o jogo de influência de Washington. **Expresso Italia**, Mundo, 12 de janeiro de 2026. Disponível em: <https://laviaitalia.com.br/artigos/noticias/mundo/ira-revolucao-colorida-washington-analise-geopolitica/>. Acesso em: 9 fev. 2026.

SILVA, J. M. Coreia do Norte: uma narrativa menos maniqueísta, **Outras Mídias**, 5 de junho de 2019. Disponível em: < <https://outraspalavras.net/outrasmidias/coreia-do-norte-para-alem-das-fake-news-ocidentais/>. Acesso em: 6 fev. 2026.

TENÓRIO, S. M. Revolução Islâmica: 47 anos de história, conquista e cerco permanente, **Opera Mundi**, Opinião, 9 de fevereiro de 2026. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/opiniao/revolucao-islamica-47-anos-de-historia-conquista-e-cerco-permanente/>. Acesso em 10 fev. 2026.

TILLEY, V. Putting words in Ahmadinejads mouth. **Counterpunch**, 5 August 2015. Disponível em: <https://repository.hsrb.ac.za/handle/20.500.11910/6375>. Acesso em: 2 fev. 2026.